



Artigo livre

*O Último Estado do Campo: Uma análise de correspondências múltiplas (ACM) de escritores brasileiros no pós-redemocratização**

The Last State of the Field: A Multiple Correspondence Analysis (MCA) of Brazilian Writers in the Post-Redemocratization period

Marcello Giovanni Pocaí Stella**

* Recebido em: 09.05.2019. Aprovado em: 10.12.2019 Este artigo contou com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), por meio de bolsa de mestrado concedida através do processo nº2015/25559-6.

**Doutorando em Sociologia pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade de São Paulo. Contato: marcello.stella1@gmail.com.

Resumo: Este artigo busca através da pesquisa de trajetórias pessoais e profissionais de autore(a)s brasileiro(a)s contemporâneo(a)s estreadores em prosa ficcional (conto, crônica e romance) entre 1988 e 2015, compreender as dinâmicas e lógicas do polo de circulação restrita do campo literário brasileiro na virada do século XX para o século XXI. A partir do caminho percorrido pela pesquisa, proponho que tal polo do campo literário encontra-se fortemente influenciado por lógicas econômicas advindas do polo mais comercial da literatura. Promove-se em seu interior o surgimento de posições duplas de autore(a)s e editoras; em outras palavras, autore(a)s e editoras são constantemente levados a se utilizar de estratégias mais comerciais para se promover mesmo entre seus pares mais eruditos, não podendo prescindir delas à revelia muitas vezes de seus interesses.

Palavras-chaves: campo literário; sociologia da literatura; literatura brasileira contemporânea.

Abstract : This article seeks through the research of personal and professional trajectories of contemporary Brazilian authors, beginners in fictional prose (tale, chronicle and romance) between 1988 and 2015, to understand the dynamics and logic of the restricted pole of the Brazilian literary field at the turn of the 20th century for the 21st century. From the path covered by the research I propose that such pole of the literary field is strongly influenced by economic logics coming from the most commercial pole of literature. Promoting in its interior the emergence of double positions of authors and publishing houses, in other words, authors and publishers are constantly led to use more commercial strategies to promote themselves and their works even among their most prestigious peers, most of time against their own beliefs.

Keywords: literary field; sociology of literature; contemporary Brazilian literature.



Vida de escritor no novo milênio

Não sendo um campo com cláusula de acesso determinada por uma instituição única e exclusiva, o campo literário oferece a todos a oportunidade de se chamarem escritores com certa facilidade. Se é fácil se dizer escritor, é difícil aceder a uma vida devotada completamente à literatura, seja vivendo somente de direitos autorais ou sobrevivendo em torno da atividade literária a partir de atividades conexas (resenhas para jornais, traduções¹, cursos e oficinas de criação literária, bolsas estatais de criação literária, cachês de feiras e festivais literários, participação em júri de premiações, etc.). Normalmente os autores que aqui serão citados, quando publicados em editoras de médio a grande porte, saem com tiragem em torno de 1.000 a 3.000 exemplares. Se forem autores já com algum renome entre os pares e o público, podem saltar para 10.000 a 30.000 exemplares na primeira tiragem. O contrato estabelecido usualmente prevê que o autor ganhe 10% das vendas sobre o preço de capa da obra. O preço de capa médio de um livro de ficção para o ano de 2018 estava, segundo pesquisa (NIELSEN; SNEL, 2018), em aproximadamente R\$34,13.² Já os autores publicados em pequenas editoras têm tiragens de 100 exemplares, que são reimpressos de acordo com a demanda das vendas. Se a edição for paga antecipadamente, o autor assume normalmente as vendas e o que receber no processo é seu. Neste caso é o próprio produtor que corre atrás do marketing e publicidade para seu livro, já que muitas editoras pequenas não

dispõem de verba própria e/ou funcionários para realizar tal trabalho.

Como muitos escritores dizem, é praticamente impossível viver da renda obtida com direitos autorais, sendo necessária a dedicação a outras atividades paralelas (conexas) ou realizar publicações em outros setores do mercado.³ Assim os escritores já buscaram na administração pública, como funcionários diretos, seu esteio (Cf.: MICELI, 2001; MACHADO NETO, 1973). Depois, nas redações de grandes jornais, também em empresas da indústria cultural serviram como mão de obra (Cf.: COSTA, 2005; PARDO, 2004; 2010). Com a crescente institucionalização e especialização, aos poucos foram encontrando forte concorrência nesses espaços. Nos jornais onde se encontravam mais presentes, a constante perda de espaço da seção dedicada à cultura e literatura tornou restrito o número de escritores e jornalistas a ocuparem essas funções, e os salários também diminuíram (LIMA, 2013). Mesmo o trabalho no interior do mercado editorial se tornou cada vez mais e mais competitivo. Nesse momento, entre os anos 1980 e 1990, as universidades vinham em trajetória de expansão, os escritores acharam nelas uma estrutura mais estável e com boas possibilidades de aquisição de trunfos simbólicos, culturais, sociais e econômicos. Os críticos literários já nela se encontravam e seriam em breve, em muitos casos, os primeiros fiadores de obras de jovens autores na virada do século XX para o XXI (Cf.: LIMA, 2013; MELLO, 2017; MOURA, 2004).

Tendo em vista esses dados de contexto, apresentarei alguns outros relativos a como foi realizado o levantamento



¹ Financiada pela FAPESP, se tratava de uma iniciação científica com escopo mais reduzido que a presente discussão, processo nº 2014/25768-1.

¹ De acordo com Bourdieu (1991, 1996) os campos artísticos possuem uma ordem economicamente invertida, aquilo que apresenta mais ganhos para seus atores é o que é menos economicamente rentável para a lógica econômica, pelo menos no curto prazo, e o que é mais desvalorizado é o ganho (interesse) econômico rápido e nu. O primeiro opera na lógica do desinteresse interessado somente nos valores artísticos definidos pelo próprio campo e seus agentes como critérios válidos de legitimação e consagração, que a longo prazo podem chegar a gerar rendimentos econômicos. O segundo opera pela lógica de interesse externa aos valores do campo, que visa por meio de outros caminhos a aceder a uma consagração que não conseguiu obter jogando as regras do próprio campo.

¹ O critério de escolha para o recorte cronológico se baseou no fato de 1988 ser um marco político, que demarca simbolicamente o fim do controle ideológico do Estado sobre o campo literário e mais amplamente artístico. Se antes o Estado estava autorizado a censurar, tirar de circulação certas obras, prender artistas considerados suspeitos, subversivos, isso deixa de existir com a promulgação da Constituição civil democrática de 1988. Não mais submetidos a um controle estatal, os escritores poderiam exercer sua atividade com mais autonomia *vis à vis* do Estado, ainda que mantivessem e construíssem outros laços de dependência com ele e com outras esferas da vida social como, por exemplo, o mercado.

¹ Não selecionei autores que necessariamente tivessem tido seus livros de estreia nessas casas. Autores que estrearam a partir de 1988 em diante e que a partir daí foram publicados nas casas editoriais mencionadas (podendo ser debutantes ou não nos selos editoriais escolhidos) foram levados em conta. Dessa forma teria uma amostra mais representativa e menos restritiva.

sobre origens sociais dos escritores estudados, que embasou a análise de correspondências múltiplas. Retomarei ao final do artigo o período em que os autores emergiram, tratando das dificuldades e facilidades conjunturais que encontraram e ainda enfrentam. E como as contrições que pesam decisivamente nas suas trajetórias passaram a ser de ordem mais econômica.

Critérios e procedimentos para um levantamento de escritores

A pesquisa que alimenta o presente texto foi iniciada ainda em 2014/2015¹. Começou na perspectiva de mapear, fazer uma espécie de perfil social de alguns escritores brasileiros contemporâneos, notadamente os escritores situados no polo de produção restrita do campo literário, segundo a conhecida separação operada por Pierre Bourdieu². O recorte e unidade de análise foram os autores estreantes em prosa ficcional que começaram a carreira (tiveram seu primeiro livro publicado no pós 1988³). Para estabelecer os critérios de escolha de quais autores entrariam ou não, procedi a uma pesquisa breve sobre as premiações literárias mais importantes: selecionei os vencedores do prêmio de melhor romance do prêmio APCA a partir dos anos 2000; melhor romance do prêmio Jabuti a partir de 1988, categorias melhor romance/ficção; autor estreante, autor estreante, com menos de 40 anos e mais de 40 anos do prêmio São Paulo de literatura a partir de 2008; os primeiros colocados do Prêmio Portugal Telecom a partir de 2003; Prêmio ABL de Ficção, romance, teatro e conto desde 1999; prêmio

Fundação Biblioteca Nacional de melhor Romance desde 2008. O ano final de contagem foi 2015 (inclusive), ano de início do trabalho.

Destacaram-se, sobretudo, editoras paulistas e cariocas. Companhia das Letras e Record responderam a mais de 50% dos prêmios e, em seguida, vieram Objetiva/Alfaguara (atualmente fazem parte do Grupo Companhia das Letras), Cosac Naify (que fechou as portas em 2015), Rocco, Bertrand Brasil (Selo da editora Record), Editora 34, Boitempo e também a editora Patuá.

De início me restringi às editoras paulistas aí presentes, incluindo uma segunda editora de tamanho e expressão equivalente à Patuá, a Ofício das Palavras. Assim poderia ter acesso a escritores que começaram suas primeiras publicações em editoras pequenas, médias e grandes.⁴ Além de coleta de informações no catálogo online das editoras escolhidas, empreendi a aplicação de um questionário (via internet, utilizando a ferramenta *Google Forms*) com os autores e autoras que compunham a amostra de estreantes em prosa ficcional, que tinham trabalhos publicados nas editoras selecionadas.

Somando algumas entrevistas que comecei a realizar ainda na iniciação científica e depois durante pesquisa de mestrado, cheguei a um número de 14 autores e autoras entrevistados. Eles e elas responderam em sua maioria o questionário submetido e, a partir da resposta, foi iniciado o contato para a entrevista⁵.

Durante o mestrado⁶ foi sugerida a inclusão de casas editoriais do Rio de Janeiro na amostragem, dada sua relevância e para evitar um levantamento muito centrado em São Paulo e que se queria nacional. Procedi ao levantamento de autores a



⁶ Além do trabalho de iniciação científica, este artigo se utiliza de dados que constam em minha dissertação de mestrado, também apoiada pela FAPESP, conforme processo nº 2015/25559-6. Todos os resultados dos levantamentos e entrevistas podem ser encontrados em STELLA (2018).

⁷ Tanto para as editoras paulistas e cariocas, só foi levado em consideração autores que tinham publicado nos selos que levam o mesmo nome da editora principal. Grandes grupos, como Companhia das Letras e Record, possuem diversos selos editoriais em seu interior, que criaram ou que adquiriram ao longo do tempo por meio de fusões e compras, porém mantêm no selo de origem publicações mais prestigiosas, deixando para os selos paralelos autores e autoras de nichos.

⁸ A editora 7 Letras, apesar de não aparecer entre as premiadas, foi a editora de tamanho pequeno/médio que se destacou por aparecer em muitas entrevistas e no questionário com os autores como uma das casas editoriais que mais promoveram a literatura de ficção de estreantes.

⁹ Um autor não respondeu o questionário através da ferramenta *Google Formulários*. Por ser um caso importante, adicionamos as informações manualmente na tabela de dados do Excel, chegando então a 65 respondentes.

¹⁰ Para uma exposição completa de todos os dados de pesquisa, ver STELLA (2018).

partir dos mesmos critérios supracitados, nos catálogos on-line das editoras Record, Rocco e 7 Letras.⁷⁸ Feito isso, integrei os dados referentes a todas as editoras em uma só tabela. Nela tentei completar as seguintes informações: Nome, Ano de Nascimento, Sexo, Idade, Origem (Nascimento), Ocupação principal, Ocupação secundária, Formação educacional principal e formação educacional secundária, tipos de curso de mestrado e doutorado realizados, percurso universitário – se em universidades públicas, privadas ou estrangeiras –, qual a editora, dentre as que compunham a amostra, em que o autor mais publicou e por quais ao todo passou, se já recebeu algum tipo de premiação e/ou se ganhou o prêmio Jabuti, qual seu gênero literário principal (mais praticado) e demais gêneros praticados, se já teve alguma obra ou texto traduzido em outro(s) idiomas, se esteve na lista dos 70 escritores convidados oficialmente pelo Ministério da Cultura para ir na Feira de Frankfurt de 2013 na qual o Brasil foi convidado de honra, se são representados por uma agência literária e qual (leve em consideração principalmente os catálogos on-line das seguintes agências: Mertin, MTS, Oasys Cultural, Página da Cultura e RIFF), se estavam entre os 20 jovens escritores brasileiros selecionados pela influente revista literária *Granta*, se já tinham ido à FLIP (Festa Literária Internacional de Paraty) – se sim, quantas vezes - e se fizeram parte da coletânea *Geração 90*, organizada por Nelson Oliveira (2003, 2013).

Aos dados já existentes, adicionei então os escritores das editoras Record, Rocco e 7 Letras juntamente com os das editoras paulistas estudadas, levando em conta o mesmo conjunto de

critérios. Obtive, somando os dois grupos, 354 autores e autoras, a respeito dos quais tenho, em grande medida, todas as informações arroladas acima. Ainda passei questionário via *Google Forms* para o novo grupo de autores, com perguntas fechadas, e somei mais 34 respostas, obtendo 64 respostas ao todo⁹.

As perguntas do questionário eram as seguintes: 1 - Nome Completo? / 2 - Sexo? / 3 - Data de Nascimento? / 4 - Naturalidade? / 5 - Profissão? / 6 - Escolaridade? / 7 - Escolaridade do Pai? / 8 - Escolaridade da mãe? / 9 - Profissão do pai? / 10 - Profissão da mãe? / 11 - Em que cidade, Estado e país vive atualmente? / 12 - Migrações – Em quais cidades já morou? / 13 - Qual é a data de publicação da sua primeira obra? / 14 - Em que editora publicou sua primeira obra? / 15 - Qual é o gênero da sua primeira obra? / 16 - Quantos livros publicados possui atualmente? / 17 - Você já foi premiado? Se sim, quais prêmios ganhou? Quantas vezes? / 18 - Você já participou de festivais de literatura? Se sim, quais? Quantas vezes? / 19 - Você já ganhou incentivo estatal? Se sim, qual? Quantas vezes? / 20 - Você possui blog, site, *fan page* de divulgação dos seus trabalhos? / 21 - Você teve livros traduzidos? / 22 - Por quais editoras seus livros foram publicados? / 23 - Você costuma acompanhar a crítica literária? / 24 - Cor/Raça? / 25 - Você possui agente literário? Se sim, qual agente ou agência?

Este foi o processo de construção de dados que permitiu ser feita uma análise de correspondências múltiplas a partir de algumas variáveis presentes no levantamento a partir de 354 escritores, o que possibilitou delinear principalmente o polo restrito do campo literário brasileiro na virada dos anos 1990 para os anos 2000.¹⁰



⁶ Além do trabalho de iniciação científica, este artigo se utiliza de dados que constam em minha dissertação de mestrado, também apoiada pela FAPESP, conforme processo nº 2015/25559-6. Todos os resultados dos levantamentos e entrevistas podem ser encontrados em STELLA (2018).

⁷ Tanto para as editoras paulistas e cariocas, só foi levado em consideração autores que tinham publicado nos selos que levam o mesmo nome da editora principal. Grandes grupos, como Companhia das Letras e Record, possuem diversos selos editoriais em seu interior, que criaram ou que adquiriram ao longo do tempo por meio de fusões e compras, porém mantêm no selo de origem publicações mais prestigiosas, deixando para os selos paralelos autores e autoras de nichos.

⁸ A editora 7 Letras, apesar de não aparecer entre as premiadas, foi a editora de tamanho pequeno/médio que se destacou por aparecer em muitas entrevistas e no questionário com os autores como uma das casas editoriais que mais promoveram a literatura de ficção de estrepantes.

⁹ Um autor não respondeu o questionário através da ferramenta *Google Formulários*. Por ser um caso importante, adicionamos as informações manualmente na tabela de dados do Excel, chegando então a 65 respondentes.

¹⁰ Para uma exposição completa de todos os dados de pesquisa, ver STELLA (2018).

¹¹ É uma técnica de estatística multivariada que permite trabalhar com grande número de variáveis categorizadas. Emerge na década de 1960 na França, formulada pelo matemático francês Jean-Paul Benzécri, fundador da chamada “Escola Francesa de análise de dados”. (LE ROUX; ROUANET, 2010).

¹² Os dados foram rodados com o auxílio do programa R e do pacote de análise de dados chamado *FactoMineR*, que permite a performance dos principais métodos e técnicas de estatísticas multivariadas.

Uma ACM de escritores

Como já colocado, mas é necessário sublinhar, a inexistência de uma instância oficial que detenha sozinha o monopólio de consagração de um escritor permite que tal carreira seja acessível a agentes das mais diversas origens sociais e trajetórias de vida. A multiplicidade de instâncias de consagração e legitimação permite aos autores a utilização de diferentes estratégias para garantir suas existências literárias. Assim, tendo em vista produzir um melhor resumo dos dados construídos até aqui acerca dos marcadores de legitimação e consagração, e da crescente influência de lógicas econômicas no campo literário, utilizarei a técnica de Análise de correspondências múltiplas¹¹ a que submeti a amostra de 354 escritores e escritoras.

A análise de correspondências múltiplas se baseou em um total de 354 indivíduos ativos (n=354). Essa amostra foi construída a partir de um levantamento de dados em editoras paulistas e cariocas (Companhia das Letras, Cosac Naify, Editora 34, Boitempo, Record, Rocco, Editora Planeta, Patuá, Ofício das Palavras e 7 Letras), cujos procedimentos foram esmiuçados acima.

Diversos dados relativos ao perfil socioeconômico dos autores foram recolhidos também através de um questionário a partir da ferramenta *Google Formulários* e que foi respondido por 65 autores. A partir destes pude entrevistar mais aprofundadamente 14 escritores e escritoras. Resolvi utilizar a primeira amostra de 354 autores, resultado de pesquisa nos catálogos on-line de editoras, páginas pessoais dos escritores e escritoras, por conter dados mais representativos e com grande diversidade, comparado

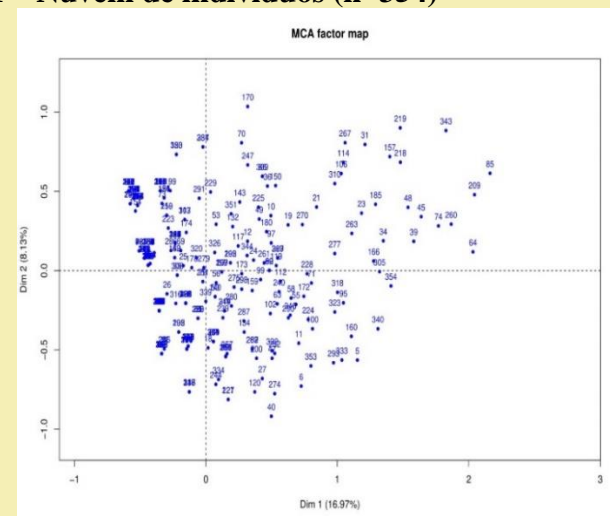
aos das outras amostras (do questionário e das entrevistas). Dessa amostra maior, retive 10 variáveis ativas e 1 suplementar. Ao todo são 29 modalidades ativas e 2 suplementares.¹²

As variáveis ativas giram, sobretudo, em torno de marcadores de consagração e legitimação dos escritores no campo literário. A variável 1 (V1 = GER_90_00) agrupa os autores que estiveram presentes nas três antologias organizadas por Nelson de Oliveira (2003, 2011, 2013), duas sobre autores da geração 90 e uma sobre a geração de autores dos anos 2000. Ela foi dividida em duas modalidades: os que participaram da antologia (sim = 9,32%) e os que não foram selecionados (não = 90,68%). A variável 2 (V2 = Editora1) são as editoras em que o escritor ou escritora mais publicaram em sua trajetória: 7 Letras (15,25%), Boitempo (1,13%), Companhia das Letras (14,69%), Cosac Naify (5,37%), Editora 34 (2,26%), Editora Planeta (1,98%), Ofício das Palavras (4,94%), Patuá (9,89%), Record (33,90%) e Rocco (11,30%). A terceira variável (V3 = Premiacao) é a de premiação: dividi os autores que já ganharam qualquer tipo de prêmio literário (sim = 38,14%) e os que nunca ganharam prêmio (não = 61,86%). A quarta variável (V4 = PJabuti) busca qualificar melhor a V3: realizei uma listagem dos autores que ganharam o prêmio Jabuti (primeira, segunda e terceira posição inclusos, sim = 8,47%) e os que nunca tiveram acesso a essa láurea (não = 91,53%). Questionei sobre o gênero literário - somente considerados conto (34,18%), crônica (3,67%) e romance (62,15%) - que constitui a quinta variável (V5 = GêneroLit). A sexta variável (V6 = Traducaao) levou em consideração autores com livros ou textos avulsos traduzidos em outros idiomas; os casos afirmativos (sim = 74,01%) e os



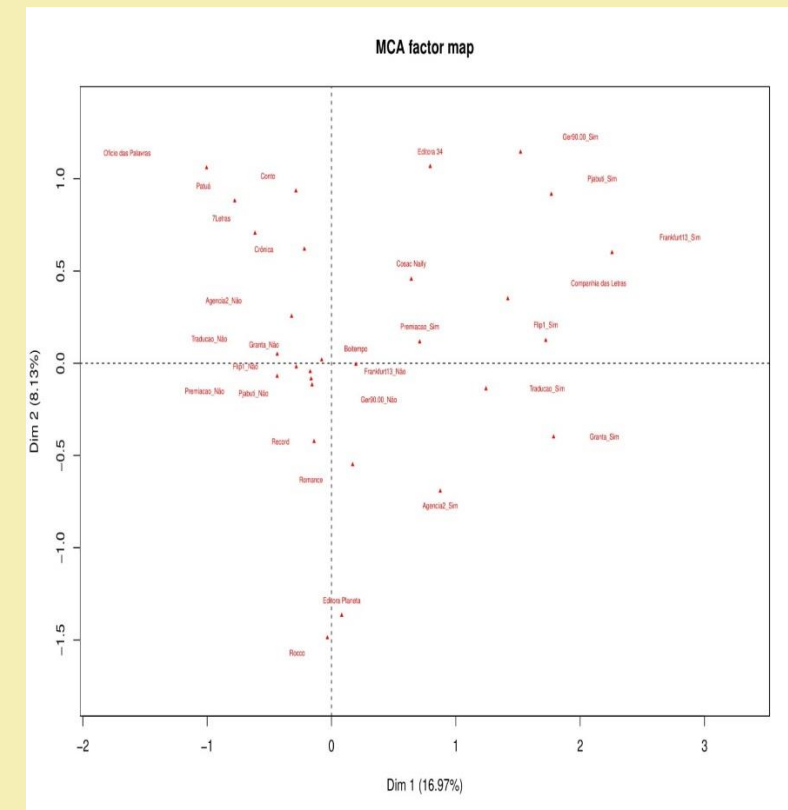
negativos (não = 25,99%). Já a sétima variável (V7 = Frankfurt13) dava conta dos autores que estiveram presentes na lista oficial de escritores convidados pelo Ministério da Cultura para representar o Brasil na Feira de Frankfurt de 2013, na qual o país foi homenageado (sim = 7,06% e não = 92,94%). A oitava variável (V8 = Agencia2) media se os autores possuíam ou não agente literário (sim = 26,84% e não = 73,16%). A variável nove (V9 = Granta) listava autores que estiveram na seleção da revista britânica Granta de 2012, que elegeu 20 melhores jovens autores brasileiros e publicou textos de cada um deles - colocamos os que participaram (sim = 4,24%) e os que não tiveram seus textos publicados (não=95,76%). E, por último, a décima variável (V10 = FLIP1) trata dos autores que já estiveram presentes na programação principal da Festa Literária Internacional de Paraty até o ano de 2015 (sim = 14,12%) e os que nunca foram (não = 85,88%). A variável suplementar foi Sexo com masculino (69,77%) e feminino (30,23%).

Gráfico 1 – Nuvem de indivíduos (n=354)



Fonte: Próprio autor.

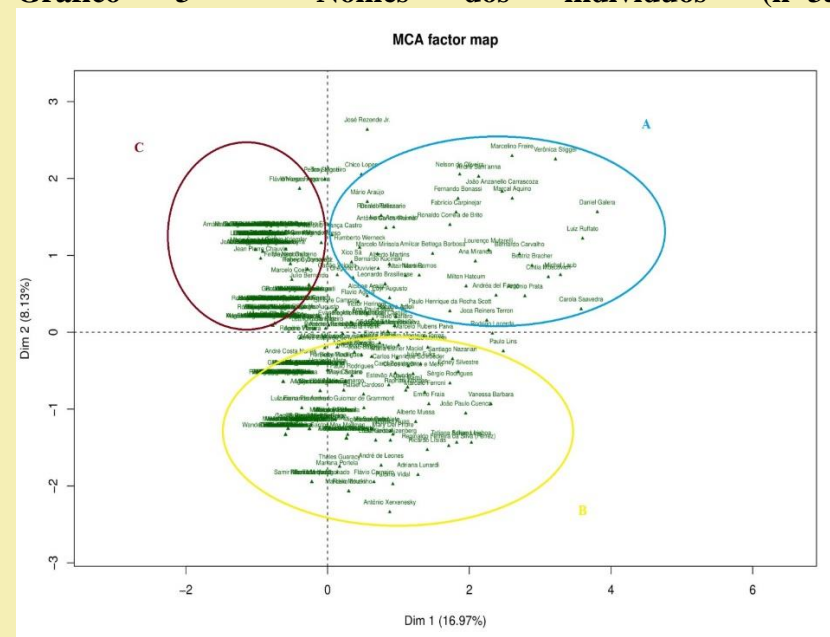
Gráfico 2 – Variáveis e modalidades (em vermelho) e variável suplementar (sexo, em verde)



Fonte: Próprio autor.

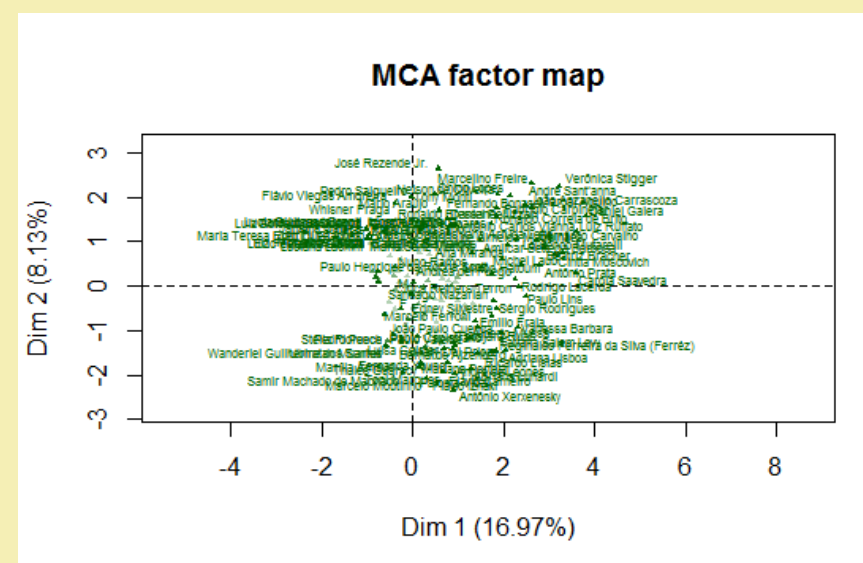


Gráfico 3 – Nomes dos indivíduos (n=354)



Fonte: Próprio autor.

Gráfico 4 – 100 indivíduos melhor projetados no gráfico



Fonte: Próprio autor.

Tabela 1 – Interpretação do eixo 1 do gráfico 2 (em negrito modalidades que têm contribuição superior à média, a saber 100/29 = 3,488)

Eixo 1 = 92% da variância

Variáveis/Modalidades	Esquerda	Direita
FLIP1_Sim		13,01
Tradução_Sim		12,447
Frankfurt13_Sim		11,15
Companhia das Letras		9,164
Pjabuti_Sim		8,219
Ger_90_00_Sim		6,685
Agencia_2_Sim		6,37
Premiação_Sim		5,953
Tradução_Não	4,371	
Granta_sim		4,194
Premiação_Não	3,67	
Agencia2_Não	2,336	
FLIP1_Não	2,14	
Patuá	1,858	
7Letras	1,792	



Ofício das Palavras	1,326	
Conto	0,868	
Frankfurt13_Não	0,847	
Pjabuti_Não	0,761	
Ger_90_Não	0,687	
Cosac Naify		0,686
Romance		0,559
Editora 34		0,442
Record	0,206	
Granta_Não	0,186	
Crônica	0,054	
Boitempo		0,014
Editora Planeta	0,004	
Rocco	0,004	
Total	21,11	78,893

Fonte: Próprio autor.

Tabela 2 – Interpretação do eixo 2 do gráfico 2 (em negrito modalidades que têm contribuição superior à média, a saber $100/29 = 3,488$)

Eixo 2 = 5% da variância		
Variáveis/Modalidades	Abaixo	Acima
Conto		19,301
Rocco	16,217	
Romance	12,18	
Agencia2_Sim	8,365	
Ger90_00_Sim		7,908
Patuá		4,959
7Letras		4,908
Pjabuti_Sim		4,603
Record	3,96	
Ofício das Palavras		3,081
Agencia2_Não		3,068
Editora Planeta	2,394	
Editora 34		1,665
Frankfurt13_Sim		1,646
Companhia das Letras		1,161
Crônica		0,91



Geração90_00_Não	0,813	
Cosac Naify	0,722	
Granta_Sim	0,438	
Pjabuti_Não	0,426	
Premiacao_Sim	0,329	
Tradução_Sim	0,324	
Premiacao_Não	0,203	
FLIP1_Sim	0,139	
Frankfurt13_Não	0,125	
Tradução_Não	0,114	
Flip1_Não	0,023	
Granta_Não	0,019	
Boitempo	0	
Total	45,049	54,952

Fonte: Próprio autor.

O método utilizado é o que leva em conta a contribuição das modalidades para a variância total e as distâncias entre as variáveis. Centrei a interpretação dos gráficos nas modalidades que tiveram contribuição superior à média de contribuição geral ($100/29 = 3,488$). Os dois primeiros eixos são analisados, pois

contribuem, segundo cálculo ponderado (Cf. LE ROUX; ROUANET, 2010), com 97% da variância total aproximadamente.

O primeiro eixo (vertical) da análise de correspondências múltiplas opõe os escritores que possuem maior probabilidade de estarem associados aos marcadores de consagração e legitimação no interior do campo literário – eixo que poderia ser nomeado eixo da consagração. As modalidades com maior contribuição para a construção do espaço (Gráfico 2) estão à direita do eixo 1, são as que indicam autores que têm maior probabilidade de já terem estado presentes na programação da tenda principal da FLIP, já tiveram alguma obra ou texto traduzido para outras línguas, constaram da lista de escritores convidados oficialmente pelo MINC para representar o Brasil na Feira de Frankfurt de 2013, ganharam algum tipo de premiação e/ou prêmio Jabuti, possuem agente literário que os representa, estiveram entre os 20 melhores jovens escritores eleitos pela revista Granta e também têm maior probabilidade de estarem nas antologias organizadas pelo escritor Nelson de Oliveira (2003, 2011, 2013), sobre a “Geração 90” e a “Geração zero zero”. Do lado esquerdo do eixo 1, inversamente, encontram-se os indivíduos com maior probabilidade de não possuírem ou não estarem associados a nenhuma das características citadas, ou a apenas a uma ou duas delas. Portanto há uma cisão entre escritores com maiores chances de estarem relacionados a índices de prestígio e consagração do campo literário do lado direito e escritores com menor probabilidade de serem consagrados do lado esquerdo do gráfico.

Além disso, o eixo 1 (vertical) separa as editoras também por maior probabilidade de associação com esses marcadores de



consagração e legitimação, com destaque para a Companhia das Letras, que foi a que apresentou a maior contribuição para a variância do eixo 1, posicionando-se mais a direita do gráfico; inversamente, as pequenas editoras (Patuá, 7 Letras e Ofício das Palavras) encontram-se mais à esquerda no polo oposto.

O segundo eixo da análise (horizontal, do gráfico 2) separa principalmente os gêneros literários conto e crônica na parte de cima do gráfico e romance na parte inferior – poderia se chamar eixo das relações comerciais *versus* relações puras. Em segundo lugar a separação significativa entre indivíduos com maiores chances de possuírem agentes literários abaixo do eixo 2, e sem agentes literários na parte de cima. Essa distribuição leva a crer que este eixo separa na parte de baixo as editoras mais comerciais que apresentam maior probabilidade de optarem por autores agenciados e pelo gênero romance - como Rocco, Record e Editora Planeta - e, na parte superior, editoras menores como Patuá, Ofício das Palavras e 7 Letras, que possuem maior probabilidade de selecionarem poucos escritores de romance e mais de conto e crônica, sem serem agenciados, e também autores que tenham ganhado premiações e/ou prêmio Jabuti e foram publicados nas antologias específicas de escritores das chamadas “Geração 90” e “Geração zero zero”.

A presença de maior número de marcadores de consagração e legitimação na parte superior do gráfico e também a presença de escritores com mais chances de não possuírem agente literário aponta para a possibilidade de essa região ser também a região onde estão mais provavelmente presentes autores que são mais experimentalistas, que investem menos em gêneros literários mais

rentáveis e consagrados e procuram pouco ativamente agentes literários para cuidar de suas carreiras. No polo inferior (direito principalmente), veem-se escritores mais provavelmente agenciados, que investem no gênero mais rentável, o romance, e alcançam alguns índices de consagração, porém estão mais distantes do polo de consagração mais puro, superior direito, em que a influência dos agentes parece ser menor, a probabilidade de investimento em gêneros mais experimentais e menos comerciais é maior e a associação a marcadores de consagração é superior.

Do lado esquerdo do gráfico 1 e 3, nota-se que os indivíduos são muito menos dispersos do que do lado direito. Por ser uma técnica estatística de distribuição geométrica que mostra as linhas e colunas de uma tabela de dados projetadas em um plano, no qual as linhas da tabela de referência representam indivíduos e as colunas as variáveis, tem-se que a projeção no plano aponta a aproximação entre variáveis e indivíduos no espaço mostrando similaridades e relações geométricas entre os dois (LE ROUX; ROUANET, 2010).

Assim sendo, indivíduos com um mesmo padrão de características, ou propriedades idênticas, serão representados pelas mesmas coordenadas no gráfico. Se pode sugerir que os indivíduos do lado esquerdo apresentam características homogêneas entre si, dada sua proximidade e uma frequência razoável de sobreposição de posicionamento. Frequentemente são indivíduos que não possuem nenhum marcador de consagração e legitimação arrolado, estão associados às editoras menores (Patuá, 7 Letras e Ofício das Palavras). Do lado direito, inversamente, os indivíduos encontram-se mais dispersos, sugerindo entre eles



maior diversidade e heterogeneidade de características e propriedades literárias. Conforme já mencionada acima, há uma tendência a acumulação de marcadores e índices de prestígio e consagração literária quanto mais se vai à direita do gráfico 2 e também na direção superior, sendo ali o quadrante dominante do polo de produção restrita do campo literário, a partir da amostra construída.

Vale ainda ressaltar que a variável suplementar Sexo, que não fez parte da construção do espaço, sendo projetada após a construção de todas as dimensões, no gráfico 2 aparece com sua modalidade masculina mais próxima e associada ao polo dominante (parte superior direita) e a modalidade feminina, ao polo mais dominado e comercial (polo inferior esquerdo), indicando maior probabilidade de escritores homens acumularem maior prestígio e consagração literária, enquanto escritoras mulheres parecem ter menos chances de acesso à consagração interna ao campo. Apesar dessa indicação, é preciso levar em consideração que sua pouca distância em relação ao centro do gráfico significa que a variância que ela promove no espaço é pouco relevante, sendo um fator menos determinante.

O gráfico 3 contém o nome de todos os indivíduos e, baseados nessa primeira análise que realizamos dos elementos que estruturaram a ACM, podemos separar finalmente três grupos de escritores principais. O grupo A, dentro do círculo azul, representa o grupo de autores e autoras com mais capital literário e de mais alta consagração. São alguns deles: Milton Haotum, Daniel Galera, Luiz Ruffato, Marcelino Freire, Antônio Prata, Carola Savedra, Bernardo Carvalho, João Anzanello Carrascoza, Verônica Stigger,

Marçal Aquino, Beatriz Bracher, Joca Reiners Terron, Andrea del Fuego entre outros e outras. Conforme já citado, estes e estas possuem acesso a diversos marcadores de consagração e legitimação, são publicados por editoras de prestígio, participam de premiações e feiras internacionais, são agenciados pelos principais escritórios de agenciamento e são amplamente traduzidos, etc. A alta dispersão desse grupo em um espaço reduzido do gráfico sinaliza condições extremamente desiguais de acesso à consagração e ao reconhecimento literário no espaço. Enquanto uma minoria de autores tem acesso aos espaços de legitimação e consagração, uma grande maioria é relegada a uma quase inexistência literária.

O segundo grupo, representado em amarelo e pela Letra B, é um grupo de transição entre o grupo A e C. Ainda não totalmente consagrados, alguns pontos começam a se distanciar da massa mais uniforme de autores e autoras de baixa consagração da nuvem de pontos à esquerda um pouco acima. Assim vemos alguns pontos que representam produtores e produtoras, como Vanessa Barbara, Alberto Mussa, João Paulo Cuenca, André de Leones, Paloma Vidal, Antonio Xerxenesky, Edney Silvestre, Santiago Nazarian, Samir Machado de Machado, Ricardo Lísias, Ferréz, Tatiana Salem Levy, Mariana Portela, etc.

Estes e estas estariam em possível transição para ocupar um lugar no polo mais consagrado, porém ainda não possuindo capital literário equivalente ao de escritores e escritoras mais prestigiados. Isso se mostra pelo fato de serem publicados em editoras de perfil um tanto mais comercial (Rocco e Record), serem agenciados por agentes literários menos prestigiados e influentes, terem menos



¹¹ Tais situações sugerem que o processo de desenvolvimento profissional da atividade literária no Brasil foi acompanhado por um forte processo de precarização da mesma, o qual discutiremos em mais profundidade na conclusão (RABOT; SAPIRO, 2017a).

¹² Estes é o caso da maioria dos autores do grupo C, em vermelho, do canto superior esquerdo do gráfico 03.

¹³ Estes estão representados, em sua maioria, nos grupos B e A do gráfico 3.

¹⁴ Estes é o caso da maioria dos autores do grupo C, em vermelho, do canto superior esquerdo do gráfico 03.

¹⁵ Estes estão representados, em sua maioria, nos grupos B e A do gráfico 3.

obras traduzidas internacionalmente e participarem de espaços literários menos consagrados, ou ainda em vias de consagração.

O terceiro e último grupo reúne autores e autoras com baixo capital literário, normalmente iniciantes na vida literária, como Eric Ferreira Dantas, Ricardo Russano, Fred di Giacomo, Maria Sanz Martins, Juliana Lachini, Whisner Fraga, etc. Todos e todas em sua maioria nomes não conhecidos dos meios editoriais e de publicações literárias específicas. Comumente não possuem agentes literários, têm poucas obras publicadas, nenhuma traduzida, e são editados por editoras de pequeno porte, contudo são a maior população do gráfico.

Se todos estes e estas são muitos diferentes em relação ao seu capital literário, não o são em relação ao seu recrutamento social. Embora não haja espaço para discutir sistematicamente, delinerei a seguir alguns determinantes positivos e negativos para que uma pessoa consiga ser escritor e escritora. Ao final retomarei a discussão sobre a desigualdade de acesso à consagração e sua relação com o domínio de lógicas econômicas na produção literária atual.

Tendo por base os resultados da pesquisa de mestrado (STELLA, 2018), sugiro que as origens sociais dos autores e autoras deixam entrever algumas características em comum. Nota-se principalmente: assimetria de gênero existente (os homens aparecem em maior quantidade e são mais consagrados); longas passagens pelos bancos universitários em cursos vinculados ao universo literário (incluindo cursos de pós-graduação); trabalhos nas áreas de jornalismo, ensino básico e superior, instituições culturais privadas e públicas, indústria editorial, cinema e artes

plásticas; pais e mães com passagem também pelo ensino superior, com número expressivo de parentes sem instrução em alguns casos; a maioria dos estreantes não iniciou a carreira em editoras de grande porte e prestígio; o gênero de estreia mais frequente foi o conto, depois o romance e a poesia; a maioria é paulista, com parte significativa de gaúchos e representantes de Minas Gerais, Paraná e Manaus; suas estreias literárias se deram predominantemente dos anos 2000 em diante.

A maioria realizou o ensino superior em instituições públicas de grande reputação, sejam elas estaduais ou federais. Dentre os que fizeram algum curso em universidades privadas, as universidades escolhidas são também conhecidas por seu renome e qualidade. Alguns se tornaram professores universitários, principalmente em instituições privadas.

As vagas ofertadas em instituições públicas no Brasil, comumente são poucas e, como se sabe pelo conhecimento da vida cotidiana, são muito disputadas - basta ver os números de concorrência nos vestibulares das principais faculdades públicas -, apesar de não seguirem cursos entre os mais concorridos, como medicina, engenharias, etc. A maioria optou por cursos de ciências humanas que estão entre os mais disputados: direito, jornalismo, cinema (audiovisual), etc.

Os pais dos autores, na maioria, possuem ensino médio completo ou incompleto e passagem pelo ensino superior - alguns tiveram pouca instrução escolar, mas não são a maioria. A escolha dos filhos, nesses diferentes casos, é encarada como uma situação de quebra de expectativas. Se, por um lado, os pais pouco instruídos tendem a desconfiar da profissão (de escritor) escolhida



pelos filhos como um trabalho capaz de sustentá-los e permitir que ascendam socialmente; para os pais com ensino superior e médio, há certo temor recorrente de rebaixamento social dos pupilos, o que frequentemente é compensado pelo prestígio que normalmente se associa à profissão de homem de letras – quando se adquire certo sucesso.

Em síntese, a determinação principal positiva que facilita ao indivíduo aceder ao status de escritor é a formação universitária, incluindo períodos de estudo na pós-graduação. Instituições que tradicionalmente serviam como lugares de trabalho e ganho de renda para os autores (jornalismo, funcionalismo público, etc.) começaram a não mais aceitá-los ou se tornaram muito instáveis – normalmente escritores e escritoras têm trabalhado sem carteira assinada e nenhuma garantia de direitos trabalhistas e sociais para jornais, institutos culturais, governos, feiras e festas literárias. Tal fato é possível e praticável, pois, entre outras coisas, os produtores literários não possuem organização coletiva na forma de associações trabalhistas ou sindicatos fortes, que sejam capazes de criar normas, processos e regulamentações das atividades, das formas de contrato e remuneração, acesso a direitos sociais e trabalhistas. Os escritores e escritoras continuam se associando na maioria das vezes ainda em academias literárias somente, espécie de clubes de diletantismo e distinção.¹³

O ingresso e a permanência no ambiente universitário muitas vezes permite, principalmente para os aspirantes a escritor com origem social humilde, acúmulo de capital cultural e escolar que, a depender de sua articulação com outras estratégias de acúmulo de outros capitais – sem dúvida o de relações sociais

sendo um dos mais importantes –, pode ser reconvertido em capital literário. Daqui segue uma determinação negativa que pode ser apreendida: comumente os autores e autoras de origem social mais humilde chegam à universidade, mas, ao não possuírem antecipadamente uma familiarização com tal ambiente e nem relações sociais vinculadas ao meio universitário, editorial ou da crítica, ocupam uma posição em falso – dominada¹⁴. Obtêm o certificado escolar, observam alguns colegas acessando as instâncias de consagração e legitimação literárias e, apesar de possuírem em muitos casos a mesma formação superior, não conseguem fazê-la valer no jogo literário (não sabem a quem recorrer para uma indicação, quais editoras e editores a que devem enviar um manuscrito original, não têm nenhum crítico literário conhecido disposto a ler e incentivar seu trabalho, etc.), permanecendo muitas vezes nas franjas e bordas do campo literário, como jovens aspirantes a escritor, com um, dois ou três livros publicados em uma, duas, três editoras, mas completamente anônimos e desconhecidos do grande público, ou até mesmo do público especializado.

Dáí parece que as trajetórias concretas que são capazes de se orientar para a profissão de escritor atualmente são aquelas duplamente selecionadas: a primeira vez pelos exames de admissão nas universidades públicas, e uma segunda vez no interior delas pela capacidade de cada um/uma em saber reverter o capital cultural e escolar em capital literário, sendo mais exitosos nessa tarefa com maior frequência autores e autoras de origens sociais mais elevadas, capazes de se orientar corretamente em universos diferentes¹⁵, fazer as apostas mais acertadas para entrar no campo



¹¹ Tais situações sugerem que o processo de desenvolvimento profissional da atividade literária no Brasil foi acompanhado por um forte processo de precarização da mesma, o qual discutiremos em mais profundidade na conclusão (RABOT; SAPIRO, 2017a).

¹² Estes é o caso da maioria dos autores do grupo C, em vermelho, do canto superior esquerdo do gráfico 03.

¹³ Estes estão representados, em sua maioria, nos grupos B e A do gráfico 3.

¹⁴ Estes é o caso da maioria dos autores do grupo C, em vermelho, do canto superior esquerdo do gráfico 03.

¹⁵ Estes estão representados, em sua maioria, nos grupos B e A do gráfico 3.

¹⁶ Em minha dissertação de mestrado, trabalho de maneira mais aprofundada trajetórias que são expressivas das formas de recrutamento social arroladas (STELLA, 2018).

literário, o que entre outras coisas atualmente significa ter capacidade não somente de escrever livros, mas também de performar a figura do autor e ser capaz de exercer as múltiplas atividades conexas que constituem hoje fonte de sobrevivência e também de reconhecimento profissional e literário (RABOT; SAPIRO, 2017b).

Para as famílias que entregam de herança menos capital cultural, social e econômico para seus filhos e filhas, a universidade é um lugar desconhecido que encerra em seu interior promessas vagas de ascensão social. Assim, muitos autores nessa situação revelam o quanto a universidade lhes ofertou em termos de conhecimentos adquiridos a partir de leituras mais sistemáticas, ordenadas e abrangentes de ficção e crítica literária, enumeram os benefícios que o diploma e os estudos de pós-graduação lhes facultaram (bolsas de estudo, estágios, contato com importantes professores e críticos, etc.), falam também do possível impacto de uma carreira universitária e suas perspectivas. Porém, para muitos, o prolongamento da vida de professor universitário pode significar, com o tempo, o abandono do projeto de se tornar escritor (STELLA, 2018).

Para os filhos de pais com ensino superior, principalmente, a entrada na universidade é vista normalmente como uma etapa necessária à busca de estabilidade profissional e pessoal. Muitos, desde o início de seus estudos, manifestam desejo de integrar suas experiências acadêmicas aos seus projetos de criação no universo literário. Frequentemente, através das amizades que travam ou dos postos de trabalho que assumem no jornalismo cultural ou em institutos privados/públicos de cultura, chegam cedo a ter contato

com as elites (mediadores-chaves) do espaço literário, facilitando que seus livros sejam lidos e entrem em contato com agentes importantes que podem lhes garantir o início do sucesso literário. Acumulam os títulos acadêmicos e literários com desenvoltura e, se passam algum tempo trabalhando como professores universitários, não se sentem incomodados.¹⁶

Feita a tentativa sucinta de relacionar os gráficos e grupos identificados a suas formas de recrutamento social, trataremos agora de como cada escritor e escritora tem enfrentado os altos e baixos da vida dedicada aos livros, também como têm se adaptado a um ambiente de crescente pressão de lógicas econômicas.

Uma autonomia sempre relativa

Segundo Sapiro (2004), uma sócio-história do processo de autonomização do campo literário consiste em relacionar o exercício da atividade literária às propriedades sociais de seus produtores e ao seu contexto de produção, levando em conta os constrangimentos estruturais que atuam sobre ela. Na bibliografia sobre a sócio-história do campo literário brasileiro e de seus escritores, teríamos que a virada do século XX para o XXI constituiu um momento em que o campo literário viveu uma nova autonomização, gerando nova forma de dependência. Desta feita, ocorreria um afastamento do campo político e submissão ao campo da economia (mercado). Esse processo específico se mostra nas lógicas próprias do trabalho literário pela reivindicação dos escritores e escritoras por uma maior profissionalização de sua atividade. No Brasil, tal movimento se deu por exigência de seus



próprios agentes, contudo teve participação decisiva dos governos militares, através do incentivo de uma forma de desenvolvimento da vida cultural e artística que privilegiou a formação de uma indústria cultural de amplo alcance e cada vez mais voltada para a racionalização do mercado.

O desenvolvimento do mercado de bens simbólicos e o aumento do público leitor em potencial criou a expectativa de que os escritores poderiam finalmente encontrar o grande público e viver de literatura (ou pelo menos viver das atividades conexas a ela), todavia somente uma pequena parcela deles consegue realizar isso com folga. Ou seja, a expectativa de profissionalização dos escritores levaria a um processo de precarização de sua atividade, conforme sugerido por Rabot e Sapiro (2017a, 2017b).

Antes de nos aprofundarmos neste contexto específico brasileiro, retomemos o conceito de autonomia relativa, central na forma de análise proposta pela teoria dos campos de Pierre Bourdieu (1991, 1996, 1999). Em artigo recente, Gisèle Sapiro (2019) retoma a questão sobre o peso e significação do conceito para o esquema bourdieusiano, relacionando o conceito a outras tradições de pensamento sociológico, notadamente o marxismo e a sociologia das profissões.

Nestas tradições, e em outras mais, o conceito de autonomia tem significados múltiplos. Em nosso caso, pensamos nele em relação à produção e circulação de bens simbólicos. Ele então serve à análise desses bens e de suas relações políticas, econômicas e sociais, sem reduzi-los a esses fatores.

Segundo Sapiro (2019), a autonomia relativa é um preceito metodológico que convida a relacionar lutas internas dos campos

de produção simbólica com as suas oposições estruturais. O que funda a autonomia relativa na teoria dos campos é a superação de uma relação de dominação com as demandas ideológicas (políticas) e econômicas, garantida por um sistema baseado em uma autodeterminação pelo julgamento dos pares sobre uma obra/bem simbólico.

O processo de autonomização, segundo a autora, teria que ser sempre avaliado em relação às constrições que se exercem uma dada configuração de um campo, processo este que acreditamos estarmos realizando em relação ao caso brasileiro. Neste tipo de procedimento, autonomia e heteronomia passam a ter a ver com a identificação da relação entre dominantes e dominados em uma dada circunstância e pode chegar a uma descrição de suas práticas de lutas e alianças.

Uma das primícias da teoria dos campos postula que a autonomia relativa é traduzida em efeito de refração que a estrutura de um dado campo exerce sobre determinações externas e instâncias específicas de legitimação e transmissão. Assim, quanto maior a capacidade de um campo retraduzir questões econômicas e políticas em questões internas do campo, mais relativamente autônomo ele seria.

Como se daria então o processo de ataque à autonomia relativa de um campo específico, como por exemplo o literário? No caso das economias de mercado, a ingerência se daria pelo lucro – em outras palavras, pela valorização da rentabilidade assegurada pelo número de vendas em detrimento da qualidade propriamente literária de um livro/autor.



¹⁷ E a precarização do trabalho não é exclusividade de escritores. Em outra reportagem, Meireles (2020b), mostra como todos os trabalhadores da indústria editorial estão vinculados a contratos de pessoa jurídica e como isso tem afetado a possibilidade de obterem auxílio emergencial com a recente paralisação de todas as atividades do país devido à Covid-19.

Antes de passar a como esse processo tem se dado no caso brasileiro, vale a pena sublinhar uma distinção interessante que Sapiro (2019) realiza para a operacionalização da ferramenta heurística da autonomia relativa. Se comumente ela pode ser pensada como uma característica de um campo como um todo ou de um subcampo, ela igualmente pode ser dividida em três níveis: o da produção, o das práticas e o da recepção e usos. Na verdade, estes três se encontram sempre imbricados, porém pode ser útil a separação para explicar casos concretos e suas minúcias. No nível de produção, o produtor mais autônomo seria aquele que conseguiria regulamentar a relação com sua clientela de forma a não depender dela para sua sobrevivência. Além dos consumidores, a autodeterminação em relação aos intermediários seria também central em relação à autonomia das práticas que procura estabelecer se a autonomia formal dada a um determinado produtor não está relacionada a uma autonomia real em relação a formas de dominação ideológica ou a funções sociais obrigatórias – requisitadas por regimes totalitários e/ou teocráticos, por exemplo.

Por último, a autonomia em relação à recepção e aos usos está relacionada à capacidade de uma obra/autor/produtor ter garantido um julgamento por seus pares que repouse sobre as regras internas ao campo. O enfraquecimento deste nível implica que as instâncias de consagração podem exercer um papel ambíguo para a manutenção da autonomia, assim como as associações profissionais. Isto se daria, por exemplo, com uma atuação cada vez mais intensa dos intermediários de um campo em direção a desvios de finalidade de vereditos de instituições específicas em prol das lógicas de mercado.

Pensando no caso concreto brasileiro do ponto de vista da produção, os escritores tiveram ganhos de autonomia e uma renovada forma de dependência. Um dos ganhos tem a ver com o crescimento de importância do papel de atividades conexas remuneradas (leituras públicas, debates em torno de obras, realização de oficinas literárias, participação em feiras e festivais literários, etc.) para a atividade. Tanto na França (SAPIRO, 2017a, 2017b, 2017c; SAPIRO et al., 2015; RABOT; SAPIRO, 2017a, 2017b) como no Brasil (STELLA, 2018) tais possibilidades de ganho através da literatura e seus arredores representaram para autores e autoras um acréscimo de autonomia financeira e também maior profissionalização de sua atividade, pensada aqui em termos de possibilidade de dedicação exclusiva à literatura.

Porém esse movimento não veio acompanhado por ganhos relativos a direitos trabalhistas e previdenciários, evidenciando simultaneamente um processo de precarização da atividade. Isso se tornou recentemente mais evidente com a paralisação total das atividades literárias e das demais esferas sociais, devido à pandemia causada pelo coronavírus. De acordo com Meireles (2020a), “o principal golpe nas contas de quem escreve ficção vem de outro lado – o cancelamento de palestras, oficinas e feiras literárias, de onde muitos tiram seu sustento.”¹⁷. Se, por um lado, representaram um alívio para as contas dos autores, muitas vezes o excesso de compromissos conexas à atividade de escrita tem comprometido a organização do tempo do próprio processo criativo de autores e autoras, que, caso não consigam um bom equilíbrio entre ida a eventos e criação, acabam sem tempo para preparar novos textos. Além dessa dificuldade, como já sugerido



acima, quando levantada a desigualdade de acesso às instâncias de consagração, pode-se falar também de uma segunda desigualdade de acesso às atividades literárias conexas, ou seja, são atividades reservadas a um grupo não tão largo de autores e alvo constante de disputa entre agentes literários e editores, que procuram divulgar e dar maior publicidade para seus clientes e catálogos.

Aqui podemos tratar do nível de autonomia na recepção e nos usos da produção literária. Tanto Bourdieu (1999), Thompson (2013) e Sapiro (2019) notam um crescimento da interferência de fatores econômicos no campo literário e a consequente perda de autonomia relativa do campo para essa esfera social. O aumento de poder do mundo econômico estaria ligado à pujança de grandes conglomerados editoriais transnacionais nas áreas linguísticas dominantes, a saber, a de língua inglesa, espanhola e francesa.

No caso brasileiro, a interferência das lógicas econômicas se deve menos à pujança e ganhos desenfreados do setor livreiro, e mais em relação aos problemas de solvência e liquidez do mesmo. Como aponta Sá-Earp e Kornis (2010) e recentes pesquisas sobre o faturamento do mercado editorial (CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO; SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS; FUNDAÇÃO INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS, 2016), o setor desde os anos 1990 tem registrado perdas reais de lucro, quando descontada a inflação de cada ano. Um fator que compensava essas perdas era o grande volume de compras de livros didáticos governamentais (CASSIANO, 2013), porém, com o tempo e com a diminuição de recursos, este elemento estabilizador do mercado também passou a registrar um impulso à diminuição de performance econômica de editoras.

Assim sendo, se os escritores já tenderiam a ser mais cobrados por melhor desempenho econômico, com o avanço da lógica empresarial no setor editorial, fato este que abrange o mundo editorial como um todo (THOMPSON, 2013), os escritores e escritoras brasileiros/as têm de lidar com um mercado deficitário que logo passa a cobrá-los ainda mais intensamente por melhores resultados econômicos.

E aqui reside a maior perda de autonomia relativa de autores e autores brasileiros/as: a pressão por mais publicações, aparições em eventos de publicidade e por marketing de suas obras e melhores índices de vendas cobra seu preço no esmero e na disponibilidade de tempo para a escrita dos livros.

Este processo, porém, não acontece sem resistências. Alguns autores e autoras com mais capital literário e simbólico acumulado têm conseguido barganhar com a esfera da recepção de seus trabalhos, e do uso deles, maior autonomia relativa para sua produção individual. Para preservar maior tempo para sua criação e menos obrigações secundárias que os/as afastam do trabalho literário de escrita propriamente dito, alguns produtores e produtoras têm autorizado a adaptação de suas obras para outras plataformas (televisão, cinema, quadrinhos, etc.), têm permitido estratégias de marketing e publicidade mais agressivas de seus livros e de sua própria figura.

Como mostra Pouly (2016) e Stella (2018, especialmente o capítulo 2, sobre a trajetória de Milton Hatoum), certos autores e editoras têm trabalhado em um jogo duplo intenso entre estratégias de consagração voltadas ao mercado e aumento de rentabilidade das obras e, por outro lado, ao fazerem isso, tentam barganhar mais



tempo para um processo criativo mais autônomo e voltado para o polo de produção restrita, bem como para os pares.

Enfim, temos como resultante desta nova dinâmica, no Brasil e também em outros países como mostram Thompson (2013), Sapiro (et al. 2015) e Rabot e Sapiro (2017a, 2017b), uma modificação de olhar para as atividades conexas e para as atividades de caráter mais econômico realizadas por autores e autoras. Tarefas antes tidas privilegiadamente como formas de ganho econômica são flexibilizadas e se tornam relevantes como índices de consagração simbólico. Assim, a repreensão dos pares em relação à presença constante de um autor/autora a programas de televisão, premiações ou festivais passa a ser diminuta, pois tais práticas passam a ser incorporadas como parte dos elementos necessários ao reconhecimento e legitimação de um produtor como escritor.

Aqui talvez tenhamos chegado ao título do trabalho. O último estágio do campo corresponderia a processos de legitimação simbólica dos processos de comercialização ou, dito de outra maneira, estaríamos vendo uma crescente comercialização de processos antes exclusivamente ligados à legitimação simbólica (PINHEIRO; BERGAMO, 2018). Todavia, conforme nos sugere Sapiro (2019), o convite da teoria dos campos de Pierre Bourdieu é que se continue a verificar em cada momento sócio-histórico os processos de autonomização ou heteronomização dos campos e suas consequências, pois sempre são passíveis de mudança, novas disputas e diferentes formas de articulação da dominação.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. Le champ littéraire. *Actes de La Recherche En Sciences Sociales*, [s.l.], v. 89, n. 1, p. 3-46. PERSEE Program. <http://dx.doi.org/10.3406/arss.1991.2986>, 1991.

BOURDIEU, Pierre.. *As Regras da Arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

BOURDIEU, Pierre.. Une révolution conservatrice dans l'édition. *Actes de La Recherche En Sciences Sociales*, [s.l.], v. 126, n. 1, p. 3-28, 1999. PERSEE Program. <http://dx.doi.org/10.3406/arss.1999.3278>.

CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO; SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS; FUNDAÇÃO INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS. *Produção e Vendas do Setor Editorial Brasileiro 1990 - 2015*. São Paulo, 2016. Disponível em: < <http://www.snel.org.br/dados-do-setor/producao-e-vendas-do-setor-editorial-brasileiro/>. > Acesso em: 29 mai. 2016.

CASSIANO, Célia Cristina de Figueiredo. *O Mercado do Livro Didático no Brasil do século XXI: a entrada do capital espanhol na educação nacional*. São Paulo: Editora UNESP, 2013.

COSTA, Cristiane. *Pena de Aluguel: escritores jornalistas no Brasil 1904 – 2004*. São Paulo, Companhia das Letras, 2005.

LE ROUX, Brigitte; ROUANET, Henry. *Multiple Correspondence Analysis*. Los Angeles, Londres, Nova Déli, Singapura, Washington, SAGE Publications, 2010.

LIMA, Marcelo. *Jornalismo Cultural e Crítica: a literatura brasileira no suplemento Mais*. Curitiba, Editora UFPR; Argos, 2013.

MACHADO NETO, Antônio Luís. *Estrutura Social da República das Letras: sociologia da vida intelectual brasileira, 1870 – 1930*. São Paulo, Grijalbo/EDUSP, 1973.

MEIRELES, Mauricio. Sem eventos, crise afeta também vida dos escritores: Cancelamento de palestras, oficinas e feiras são golpe



nas contas de quem escreve ficção. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 28 mar. 2020a. Painel das Letras, s. p.. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/mauricio-meireles/2020/03/sem-eventos-crise-afeta-tambem-vida-dos-escritores.shtml>. Acesso em: 30 mar. 2020.

MEIRELES. Crédito para folha de pagamento preocupa editores: Setor editorial demanda linha de crédito do governo. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 04 abr. 2020b. Painel das Letras, s. p.. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/mauricio-meireles/2020/04/credito-para-folha-de-pagamento-preocupa-editores.shtml>. Acesso em: 05 abr. 2020.

MELLO, Jefferson Agostini. *Literatura e Crítica no Brasil Hoje*. Brasília, Edições Carolina, 2017. E-Book. ISBN 978-85-922796-6-0.

MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo, Companhia das letras, 2001.

MOURA, Flávio Rosa de. *Diálogo Crítico: disputas no campo literário brasileiro (1984 – 2004)*. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

MUNIZ, JR., José de Souza; SZPILBARG, Daniela. Regimes de visibilidade no mercado editorial globalizado: Brasil e Argentina como convidados de honra na Feira do Livro de Frankfurt. In: *Encontro Anual da Anpocs*, 38, Caxambu (MG), 2014. Anais eletrônicos..., São Paulo: Anpocs, 2014. Acesso em: 31 maio 2017. Disponível em: https://www.academia.edu/9674541/Regimes_de_visibilidade_no_mercado_editorial_globalizado_Brasil_e_Argentina_como_convitados_de_honra_na_Feira_do_Livro_de_Frankfurt.

NIELSEN; SNEL. *Painel das Vendas De Livros no Brasil: Resultados: 2018 X 2017*. 2018. Desenvolvida por Nielsen BookScan Team. Acesso em: 10 abr. 2018. Disponível em: <http://www.snel.org.br/wp-content/uploads/2015/04/SNEL-01-2018-01T.pdf>.

OLIVEIRA, Nelson de (Org.). *Geração 90: manuscritos de computador – Os melhores contistas brasileiros surgidos no final do século XX*. 1 Ed. Revisada. São Paulo, Boitempo, 2013.

OLIVEIRA, Nelson de (Org.). *Geração 90: os transgressores – Os melhores contistas brasileiros surgidos no final do século XX*. São Paulo, Boitempo, 2003.

OLIVEIRA, Nelson de (Org.). *Geração zero zero: fricções em rede*. Rio de Janeiro, Língua Geral, 2011.

PARDO, Maria Del Carmen Villarino. Encontros de escritores brasileiros nos finais da década de 70: um mecanismo de institucionalização e de mercado. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, v. 23, p. 151-168, 2004.

PARDO, Maria Del Carmen Villarino. A conquista de autoridade intelectual. Polêmicas, debates e boom editorial em meados dos anos setenta no Brasil. *Românica (Lisboa)*, v. 19, p. 173-189, 2010.

PINHEIRO, Dimitri; BERGAMO, Alexandre. “Indústria cultural no Brasil: dois pesos, muitas medidas”. In: MICELI, Sergio; MARTINS, Carlos Benedito. (Org.). *Sociologia Brasileira Hoje II*. 1 ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2018, v. 2, p. 89-143.

POULY, Marie-Pierre. Playing both sides of the field: The anatomy of a ‘quality’ bestseller. *Poetics*, [s.l.], v. 59, p. 20-34, dez. 2016. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.poetic.2016.02.002>.

RABOT, Cécile; SAPIRO, Gisèle (Orgs.). *Profession? Écrivain*. Paris, CNRS Éditions, 2017a.

RABOT, Cécile; SAPIRO, Gisèle. “Conclusion”. In: RABOT, Cécile; SAPIRO, Gisèle (Orgs.). *Profession? Écrivain*. Paris, CNRS Éditions, 2017b, p. 333-340.

SÁ-EARP, Fabio; KORNIS, George. “Em queda livre? A economia do livro no Brasil (1995 - 2006)”. In: BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia. *Impresso no Brasil: Dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Editora Unesp, 2010. Cap. 20. p. 349-362.



SAPIRO, Gisèle. The literary field between the state and the market. *Poetics*, [s.l.], v. 31, n. 5-6, out. 2003. Acesso em: 13 abr. 2017, p. 441-464. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.poetic.2003.09.001>.

SAPIRO, Gisèle. Elementos para uma história do processo de autonomização. *Tempo social*, São Paulo, v. 16, n. 1, jun. 2004. Acesso em: 14 Jul. 2016, p. 93-105. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702004000100005&lng=en&nrm=iso>. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-20702004000100005>.

SAPIRO, Gisèle. . *La Sociologie de la Littérature*. Paris, La Découverte, 2014.

SAPIRO, Gisèle. How Do Literary Works Cross Borders (or Not)? *Journal Of World Literature*, [s.l.], v. 1, n. 1, p. 81-96, 1 jan., 2016a. Brill Academic Publishers. <http://dx.doi.org/10.1163/24056480-00101009>.

SAPIRO, Gisèle. The metamorphosis of modes of consecration in the literary field: Academies, literary prizes, festivals. *Poetics*, [s.l.], v. 59, dez., p. 5-19, 2016b. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.poetic.2016.01.003>.

SAPIRO, Gisèle. “Introduction”. In: RABOT, Cécile; SAPIRO, Gisèle (Orgs.). *Profession? Écrivain*. Paris, CNRS Éditions, 2017a. p. 7-16.

SAPIRO, Gisèle. “Développement professionnel et évolutions du métier d’écrivain”. In: RABOT, Cécile; SAPIRO, Gisèle (Orgs.). *Profession? Écrivain*. Paris, CNRS Éditions, 2017b. p. 19-41.

SAPIRO, Gisèle. “Devenir écrivain-e: de la reconnaissance symbolique à la reconnaissance professionnelle”. In: RABOT, Cécile; SAPIRO, Gisèle (Orgs.). *Profession? Écrivain*. Paris, CNRS Éditions, 2017c. p. 43-76.

SAPIRO, Gisèle. Rethinking the Concept of Autonomy for the Sociology of Symbolic Goods. *Biens symboliques / Symbolic Goods [Online]*, n. 4, p. 2-50, 2019, Online desde 27 Jun 2019. Acessado em: 08 Mai 2020. Disponível em: <https://revue.biens-symboliques.net/334>

SAPIRO, Gisèle et al. L’amour de la littérature: le festival, nouvelle instance de production de la croyance. *Actes de La Recherche En Sciences Sociales*, [s.l.], v. 206-207, n. 1, p.108-137, 2015. CAIRN. <http://dx.doi.org/10.3917/arss.206.0108>.

STELLA, Marcello Giovanni Poci. (2018). *Literatura como vocação: escritores brasileiros contemporâneos no pós-redemocratização*. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Universidade de São Paulo, São Paulo. doi:10.11606/D.8.2019.tde-29032019-134526. Acesso em: 2019-06-01

THOMPSON, Jonh B. (2013). *Mercadores de cultura: o mercado editorial no século XXI*. São Paulo, Editora Unesp.